

DIVULGAÇÃO



DISCO Tyler, the Creator: rap para enfiar na coxinha Bruno Mars e as feministas



DISCO Marcos Valle: o banquinho e o violão foram pouco para ele

DIVULGAÇÃO



DVD A Encruzilhada: uma pequena joia infernalmente divertida

EVERETT COLLECTION/GRUPO KEYSTONE



DISCOS

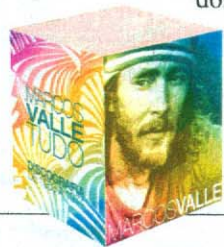
GOBLIN, TYLER, THE CREATOR (LAB 344)

Este não é um disco para ouvintes sensíveis e delicados. Tyler, the

Creator, é um dos integrantes mais ativos do Odd Future, movimento de rap de Los Angeles que deu novo sentido ao adjetivo "insolente". Seus membros, todos na faixa dos 20 anos, são obcecados por skate e filmes sangrentos. As letras falam de sexo e violência, nos termos mais obscenos que a língua inglesa compreende. Mas o Odd Future é também uma grande usina criativa. Já ofereceu discos de graça pela internet e cria ótimos vídeos para o YouTube. Segundo disco-solo de Tyler, *Goblin* apresenta o rapper em uma sessão de psicoterapia com o fictício Dr. TC. O desbocado Tyler faz provocações engraçadíssimas com celebridades do pop — o cantor coxinha Bruno Mars é xingado sem piedade em *Yonkers*. Em *Transylvania*, ele expressa opiniões nada sutis sobre a função das mulheres em sua vida — é uma letra para incendiar as feministas. O estilo difere da média das produções do rap atual: é seco, minimalista, muito distante do panacéu comercial de um will.i.am. E, para quem se assusta com as letras de Tyler, o próprio rapper faz questão de avisar logo no início do CD: "É tudo ficção."

TUDO, MARCOS VALLE (EMI)

O banquinho e o violão nunca foram o bastante para Marcos Valle. Egresso da segunda geração da bossa nova, o cantor e compositor carioca lançou músicas de estilos diversos, como a toada e a pilantragem, e trabalhou em trilhas da Rede Globo (ele é autor do tema de fim de ano da emissora). Nos anos 70 e 80, Valle buscou um pop cosmopolita: foi parceiro do grupo americano Chicago e do compositor Leon Ware. Na década de 90, foi redescoberto pelos DJs de drum'n'bass, estilo que depois seria assimilado pelo compositor. A parte mais interessante de sua evolução está na caixa *Tudo*, que traz discos gravados entre 1963 e 1974. Há obras de beleza irretocável, como o instrumental *Braziliance*, de 1967, e *Garra*, de 1971, com o sucesso *Com Mais de 30*. São admiráveis, ainda, as letras de Paulo Sérgio Valle, irmão do compositor. *Flamengo Até Morrer*, de 1973, ironizava o fato de o general presidente Médici torcer pelo time carioca. E *Resposta* assusta pela atualidade: a réplica aos engajados que atacavam a "alienação" da bossa nova vale tanto para a hipocrisia esquerdista dos jantares inteligentes



de hoje. "Falar de terra na areia do Arapourador / Quem pelo pobre na vida não faz nem favor", diz o cantor.



LIVROS

DIÁRIO DE UM PÁROCO DE ALDEIA

(TRADUÇÃO DE EDGAR DE GODOI DA MATA-MACHADO; É REALIZAÇÕES; 286 PÁGINAS; 49 REAIS) E **NOVA HISTÓRIA DE MOUCHETTE**, DE GEORGES BERNANOS

(TRADUÇÃO DE PABLO SIMPSON; É REALIZAÇÕES; 112 PÁGINAS; 29 REAIS)

O francês Georges Bernanos (1888-1948) viveu todo o tumulto da primeira metade do século XX. Combatente da I Guerra Mundial, no entretanto chegou a simpatizar com movimentos fascistas, mas desiluiu-se, na Espanha, ao testemunhar atrocidades cometidas por partidários do general Franco — e, durante a invasão nazista na França, exilou-se no Brasil. A todas essas, manteve suas convicções conservadoras e a fé católica — mas uma fé angustiada, assolada pelas dúvidas da modernidade. Parte de uma ampla coleção da obra de Bernanos, estes dois livros de meados dos anos 30 dão a dimensão das preocupações do autor. *Diário*, uma de suas obras-primas, investiga os dilemas do catolicismo a partir da experiência pro-

vinciana de um padre francês. Menos conhecido, *Mouchette* apresenta as desventuras de uma menina cuja infância é marcada pela violência e pela miséria.

HOMER & LANGLEY, DE E.L. DOCTOROW

(TRADUÇÃO DE ROBERTO MACHADO; SESP; 240 PÁGINAS; 39,90 REAIS)

Os ricos Homer e Langley Collyer viveram anos entrancheados em uma mansão em Nova York, juntando as mais diversas quinzelarias — jornais velhos, candelabros, livros, destroços e até um Ford Modelo T. Os dois morreram em 1947, e a polícia levou semanas para localizar o cadáver de Langley, soterrado em uma pilha de lixo. Autor de vigorosas revisões da história americana como *Ragtime*, E.L. Doctorow ampliou o caso real desses dois acumuladores patológicos para criar um panorama trágico e melancólico dos Estados Unidos ao longo do século XX. Nesta versão ficcional, os irmãos Collyer vivem até os anos 80 — na década de 60, antes da reclusão, chegam a abrir a mansão para festas frequentadas por hippies. Homer, o irmão cego, é quem conta a história. Sem enxergar o que acontece ao seu redor, ele intui no ímpeto acumulador do irmão um misto assustador de genialidade e loucura.



DVD

ENCRUZILHADA

CROSSROADS, ESTADOS UNIDOS, 1986. (TRADUÇÃO DE ROBERTO MACHADO; SESP; 240 PÁGINAS; 39,90 REAIS)

Devoto dos ícones do blues dos anos 20 aos 40, Eugene (Ralph Macchio, de *Karatê Kid*), estudante de violão clássico na escola Juilliard, de Nova York, não desce até descobrir um remanescente vivo daquela era: Willie Brown (Joe Seneca), um gaitista que ele ajuda a fugir do asilo — e com quem, então, viaja até o sul americano para encontrar a encruzilhada em que Willie vendeu a alma ao diabo em troca do dom de tocar como um demônio. Esta pequena joia esquecida, dirigida pelo grande Walter Hill e com trilha escolhida pelo insuperável Ry Cooder, mistura à vontade fato com fábula, sem trocar o passo nem perder a graça. Willie a princípio apenas usa o menino para chegar ao seu encontro marcado; em troca de sua ajuda, diz, vai ensinar-lhe uma canção perdida do guitarrista Robert Johnson (este muito verídico, mas de quem se dizia ter feito esse mesmo pacto). No fim, porém, é Eugene quem vai duelar com o guitarrista enviado pelo tino, e assim libertar a alma do velho. Atenção, aficionados: quem toca os dois lados do duelo é o endiabrado Steve Vai.

